

# Economia

7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 1º de fevereiro de 2026

Editor: Carlos Alexandre de Souza  
carlosalexandre.df@abr.com.br  
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)



	Últimos
26/janeiro	5,279
27/janeiro	5,206
28/janeiro	5,206
29/janeiro	5,193

Salário mínimo  
R\$ 1.621

Euro  
Comercial, venda  
na sexta-feira

R\$ 6,228

CDI  
Ao ano

CDB  
Prefixado  
30 dias (ao ano)  
14,90%

Inflação  
IPCA do IBGE (em %)  
Agosto/2025 -0,11  
Setembro/2025 0,48  
Outubro/2025 0,09  
Novembro/2025 0,18  
Dezembro/2025 0,33

## INFLAÇÃO

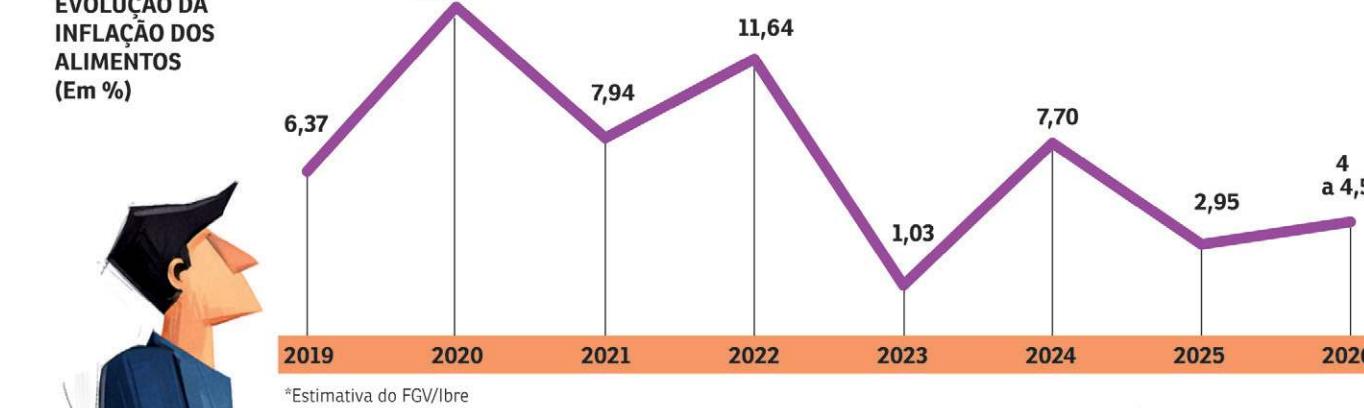
# Clima ameaça alta nos alimentos em 2026

Eventos climáticos e a redução da safra devem manter pressão sobre os preços ao longo do ano. Especialistas alertam que o fenômeno El Niño pode intensificar o aumento, especialmente no segundo semestre

» RAFAELA GONÇALVES

### Em alta

Preços dos alimentos devem continuar subindo ao longo de 2026



\*Estimativa do FGV/Ibre



### FENÔMENOS CLIMÁTICOS

**La Niña 2025**  
Fraca, impacto limitado no verão de 2026, deve enfraquecer até fevereiro.

**El Niño 2026**  
Aquecimento do Pacífico Equatorial começa no 1º semestre, sinais a partir de março.

**Formação**  
Fim do outono, /início do inverno.

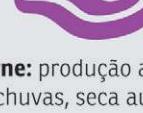
**Intensidade**  
Moderada ou forte, pico esperado entre novembro e janeiro (NOAA).

Fontes: FGV/Ibre e Climatempo.

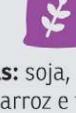
### PRINCIPAIS CULTURAS AFETADAS



**Café:** ciclo bianual, sensível a eventos climáticos.



**Carne:** produção a pasto depende de chuvas, seca aumenta custos.



**Outras:** soja, milho, trigo, arroz e feijão.

### IPCA-15

A prévia da inflação de janeiro, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplio (IPCA-15), indicou aceleração dos preços ao interromper uma sequência de sete meses consecutivos de queda. O grupo alimentação e bebidas registrou alta de 0,31%, puxado principalmente pela alimentação no domicílio, que avançou 0,21%.

Segundo André Braz, coordenador dos Índices de Preços do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/Ibre), o movimento, por ora, não indica uma tendência estrutural.

"Essa alta ficou muito concentrada em produtos sazonais, típicos do verão, como hortaliças, legumes e frutas. É algo mais temporário do que um movimento que vai permanecer por mais tempo", afirma.

explica. Ainda assim, ele pondera que o cenário pode mudar com a evolução das condições climáticas ao longo do ano.

A atenção se volta especialmente para a possibilidade de atuação do fenômeno El Niño a partir do segundo trimestre de 2026. "Ele pode afetar a nossa agricultura, mas ainda é cedo para sinalizar a intensidade e quais culturas seriam mais prejudicadas. Sempre que esses fenômenos são anunciados, algum prejuízo eles acabam trazendo", aponta.

### Safra menor

Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que a safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas deve recuar 3% em relação ao recorde projetado para 2025. Segundo Carlos Barradas,

gerente de levantamentos agrícolas do IBGE, a queda projeta-se ocorre principalmente porque a base de comparação deste ano é excepcionalmente alta. "As condições climáticas favoreceram fortemente o desempenho tanto da primeira quanto da segunda safra de 2025, um cenário que dificilmente se repetirá em 2026."

Eventos climáticos cada vez mais frequentes e uma possível redução da produção agrícola colocam pressão adicional sobre os preços dos alimentos, de acordo com André Braz, da FGV/Ibre. Segundo ele, a mudança no padrão climático já representa um desafio estrutural para a produção agropecuária brasileira e pode ter efeitos tanto sobre a inflação quanto sobre o crescimento econômico.

"Os eventos climáticos são hoje a maior preocupação, porque estão ficando mais frequentes. Até o ano

2000, eles ocorriam em intervalos de sete ou oito anos. Agora, acontecem a cada dois ou três anos", afirma o pesquisador.

De acordo com Braz, essas ocorrências alteram o volume e a distribuição das chuvas, provocando excessos em algumas regiões e escassez em outras, o que compromete a produção. "Isso mexe com a oferta de alimentos, promove aumento de preços e também afeta o PIB, já que a agricultura tem peso relevante na economia brasileira", diz.

O impacto, segundo ele, não se limita ao mercado interno. "Como o Brasil é um grande produtor mundial de alimentos, a perda de safra aqui influencia tanto os preços domésticos quanto os internacionais", ressalta.

Entre as culturas mais sensíveis ao clima, o economista cita o café, cuja produção é impactada por

eventos extremos e tem ciclo bianual, o que prolonga os efeitos sobre os preços. "Além do café, soja, milho, trigo, arroz e feijão merecem atenção", elenca. Segundo ele, até mesmo o preço das carnes pode ser afetado. "O gado no Brasil é criado a pasto. Se não chove, a grama não cresce, o custo aumenta e isso acaba pressionando o preço da carne."

### Medidas do governo

De 2024 ao início de 2025, os preços dos alimentos registraram forte alta, pressionando a inflação e afetando principalmente carnes, arroz, feijão, leite e hortaliças. O aumento foi impulsionado por choques climáticos, redução da oferta e valorização do dólar, que favoreceu as exportações e diminuiu a disponibilidade de produtos no mercado interno.

Para conter os preços, o governo federal lançou, em março passado, um pacote de medidas voltadas a ampliar a oferta e reduzir custos. Entre elas, eliminou tarifas de importação de itens essenciais, como carne, café, açúcar, milho, azeite, sardinha, biscoitos e massas, reforçou estoques reguladores da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), incentivou a produção via Plano Safra e negocou com estados a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre produtos básicos.

O governo ainda firmou parcerias com o setor privado para ampliar a concorrência e tornar as ofertas mais competitivas. Especialistas, no entanto, apontaram que essas ações teriam impacto limitado sem reformas estruturais na produção e na distribuição de alimentos.

Na avaliação de André Braz, o pacote do Executivo teve caráter pontual. "Foram paliativas. As soluções mais eficazes são de médio e longo prazo", afirma. Ele defende investimentos em logística, com maior uso do transporte fluvial, ferroviário e da cabotagem, além de estímulos à tecnologia agrícola. "Precisamos de sementes mais resistentes, subsídios a fertilizantes para pequenos produtores e mais assistência técnica. Isso permite aumentar a produção sem ampliar a área plantada."

Sobre o impacto do El Niño na inflação de alimentos em 2026, o pesquisador diz que ainda não é possível fazer uma projeção precisa, mas aponta um cenário de cautela. "No ano passado, a alimentação subiu apenas 1,4%, bem abaixo da inflação geral. Para 2026, diante dos riscos climáticos, estimamos algo em torno de 4% a 4,5%", afirma. Mesmo assim, a expectativa do FGV Ibre é de desaceleração do IPCA. "Projetamos inflação de 3,8%, abaixo do ano passado, com preços monitorados e serviços subindo menos."

Ele ressalta, no entanto, que a inflação de alimentos tem impacto social mais profundo. "A população brasileira é muito desigual, e muita gente gasta praticamente tudo o que ganha com alimentação. Por isso, é fundamental manter esses preços controlados", afirma. "Mas, quando há problema de safra, é um choque de oferta. Se não tem produzido, o preço sobe, e não há política monetária capaz de resolver isso."